

Apresentamos neste número seis artigos, duas resenhas e dois resumos de dissertações de mestrado. Os temas discutidos abrangem áreas geográficas distintas, temas e abordagens também diferenciadas. São tratados aspectos relativos à zooarqueologia, arqueologia amazônica, produção do conhecimento em arqueologia e sua relação com a diversidade de fontes disponível ao arqueólogo, além da relação entre patrimônio arqueológico e povos indígenas.

O artigo de Acosta e Sartoi discute a importância da exploração de *Myocastor Coipos* por grupos caçadores-coletores na bacia do Prata no Holoceno Tardio e apresenta uma relação bastante consistente entre aportes teórico, metodologia, amostras analisadas e discussão. Em seu trabalho os autores enfatizam e demonstram a importância de estudos tafonômicos para interpretação do papel dos vestígios faunísticos nas estratégias alimentares dos grupos responsáveis pela formação do registro arqueológico analisado.

O artigo de Della Cook e Sheila Mendonça de Souza traz um estudo de bioarqueologia sobre coleções de remanescentes humanos provenientes de intervenções arqueológicas realizadas em um conjunto de sítios denominados Tocas do gongo, Piauí. Além da importância dos dados apresentados para

a discussão relativa ao processo de ocupação da região no holoceno tardio, o artigo enfatiza a riqueza e diversidade de dados que podem ser obtidos através da análise de coleções já musealizadas, contribuindo para o aprimoramento e revisão de interpretações formuladas a partir da escavação dos sítios arqueológicos. Estudos de coleção têm sido cada vez mais frequentes no Brasil, embora sejam ainda muito tímidos em quantidade e também em relação à abordagem teórica e metodológica adotada.

O terceiro artigo deste número, de autoria de Vera Guapindaia e Daniel Lopes, apresenta novos dados sobre uma região constantemente mencionada nas discussões relativas à complexidade social na Amazônia – a bacia do rio Trombetas. Vinculada à atividades de arqueologia de contrato os dados apresentados ilustram a potencialidade de projetos desta natureza para gerar dados inéditos e de qualidade acadêmica.

O artigo de Marcia Bezerra traz uma reflexão fundamental para a Arqueologia Brasileira na atualidade, tendo em vista a crescente participação dos povos nativos na realização e reivindicação por trabalhos arqueológicos em áreas tradicionalmente ocupadas por essas populações. Em seu artigo a autora discute a categoria de patrimônio, os senti-

dos das paisagens arqueológicas para as comunidades nativas e os desafios na construção de um discurso simétrico na Arqueologia.

Luiza Câmpera, autora do quinto artigo deste número, apresenta uma discussão consistente e importante sobre a produção do conhecimento em arqueologia, enfatizando a especificidade desse processo no que se refere à arte rupestre. Utilizando como estudo de caso os grafismos rupestres da região de Diamantina, MG, a autora traz à tona reflexões que afligem todos os sujeitos envolvidos no processo de produção do conhecimento ao enfatizar as dificuldades e questões que perpassam a definição de critérios como objetividade x subjetividade.

O sexto artigo, escrito por Gustavo Neves, fecha este número com uma discussão sobre a importância e relevância da utilização das fontes escritas, especificamente do trabalho dos cronistas para construção de interpretações em Arqueologia. Utilizando como estudo de caso coleções arqueológicas de material lítico polido, o autor diálogo com diferentes tipos de fonte para gerar novas informações a sobre esta categoria de vestígios que normalmente se vê relegada pela Arqueologia Brasileira.

Apesar da diversidade geográfica e temática os artigos que compõem este número dialogam entre si destacando dois pontos cruciais para a Arqueologia Brasileira hoje: 1) a diversidade de fontes disponíveis para o arqueólogo, sejam elas de natureza distinta (escritos ou materiais) ou estejam elas em contextos físicos e institucionais distintos (acervo de museus, sítios arqueológicos); 2) o processo de produção de conhecimento em arqueologia, o qual envolve reflexões metodológicas sobre a interação sujeito/objeto na definição de critérios de análise e sobre o papel do arqueólogo na construção de um discurso simétrico na Arqueologia.

Com esta composição este número fecha um ciclo e consolida um novo projeto visual e linha editorail para a Revista de Arqueologia. Essa linha editorial, que enfatiza a importância da manuten-

ção de um diálogo aberto entre pareceristas e autores a fim de contribuir positivamente para a qualidade os textos submetidos à Revista, começou a ser implantada em gestões anteriores, através de um esforço sempre pessoal dos editores responsáveis em cada gestão. Nesse sentido, essa consolidação, que envolve também a manutenção da periodicidade da revista, é resultante de um projeto que envolve planejamento e continuidade, o qual esperamos seja mantido durante a próxima gestão da Revista de Arqueologia. O projeto visual, implantado na gestão 2009-2011, contou com participação efetiva da Diretoria da Sociedade de Arqueologia Brasileira e contribuiu de forma significativa para fomentar um novo conceito sobre o periódico, o qual tem recebido artigos em fluxo contínuo, indicando um crescimento da demanda pela publicação neste que é o periódico científico oficial da Sociedade de Arqueologia Brasileira.